

KAFKA ATRAVÉS DO ESPELHO: UMA ANÁLISE DA FUNÇÃO DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Ana Gabriela Sena Gonçalves (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Ricardo Augusto de Lima (Orientador). E-mail: ralima@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes /Letras/ Literaturas Estrangeiras Modernas

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura; Grande Outro.

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de investigar e compreender a função do Outro na construção de si a partir da obra de Franz Kafka (1883-1924), com foco nas obras *A Metamorfose*, de 1915, e *Carta ao Pai*, de 1919, pelo viés psicanalítico lacaniano, visto ser possível encontrar elementos subjetivos e biográficos metaforizados na construção de ambos os textos. A escolha de *A metamorfose* deve-se ao fato de que a transformação do personagem protagonista em um inseto “monstruoso” parece-nos simbólico no tocante à posição em que o personagem é colocado diante dos outros e do mundo: enquanto um ser pequeno, inferior e aparentemente inútil. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com caráter bibliográfico exploratório cuja metodologia remete ao método de investigação psicanalítica. Será realizada uma leitura flutuante das obras de Kafka e sua análise pelo viés lacaniano.

INTRODUÇÃO

De forma muito resumida, o Real, segundo Jacques Lacan (1901-1981), se relaciona com a falta, o indizível que angustia o sujeito e do qual só parte pode ser nomeada quando contornada pelo Simbólico e pelo Imaginário. Isso nos permite entender a obra literária como construída a partir da capacidade de simbolização humana e por meio da qual o Real serve como aparato criativo. Desde Freud, o inconsciente só pode ser expresso por meio da linguagem, na esfera do dizer. O Imaginário se refere à formação do Eu a partir do reflexo do Outro, à representação de si a partir da imagem do Outro. O Simbólico diz das do Real representado por meio de signos culturais e linguísticos. Assim, podemos pensar *A metamorfose* como o real simbolizado em relação à condição humana de desamparo, impotência e insignificância diante das coisas, mas que em um momento original está diante da figura do Pai. No registro imaginário acreditamos que o mundo precisa um pouco de

nós, mas diante de uma ruptura que desvela uma parcela do Real, damos conta que o mundo independe de nós, já existia antes e continuará existindo depois, e diante dele podemos ser esmagados como insetos.

REVISÃO DE LITERATURA

Para Sigmund Freud (1856-1939), no início da vida, o ego do bebê é completamente desintegrado, fora ainda da linguagem. É a partir do ego integrado da mãe que ele rumo à própria integração, como se a mãe “emprestasse” seu ego para a criança. A partir da castração, uma fase do Complexo de Édipo que pressupõe as descobertas das diferenças sexuais, a criança percebe que uma coisa só se constitui enquanto tal porque exclui outra. O produto desse processo é um sujeito dividido entre uma parte consciente e o desejo inconsciente que demarca sua subjetividade. A partir da resolução edípica, a criança precisa se conformar com o fato de que nunca terá acesso direto à realidade, e se abandona à ordem imaginária ao adentrar o universo da linguagem, em si vazio “porque é apenas um processo interminável de diferença e ausência: em lugar de ser capaz de possuir alguma coisa em sua plenitude, a criança agora simplesmente passará de um significante para outro.” (Eagleton, 2006, p. 251). Daí a fantasia e o sonho. Como eles, a obra literária é composta por conteúdos manifestos. O sonho não é simples reprodução do inconsciente, mas entre um e outro ocorre um processo que Freud chamou de trabalho onírico, semelhante ao da criação ficcional. O estilo literário de Kafka se caracteriza pela presença de aspectos absurdos apresentados de forma corriqueira, influenciado pelo Expressionismo do século XX, i. é, “a deformação ou a abstração da realidade externa, determinada pela força espontânea das emoções que nascem de uma visão trágica da vida, um susto e um grito diante do perigo” (Tringali, 1994 *apud* Ribeiro, 2016, p. 37). À medida que a estética representa conteúdos internos, ele possibilita adentrar na esfera onírica e fantástica, relaciona-as a aspectos presentes no modo de funcionamento do inconsciente, cujo conteúdo apresenta de forma condensada e deslocada. Outro aspecto que merece atenção é o fato de os personagens de Kafka estarem, em geral, em conflitos trágicos, i. é, sem resolução além da morte. Ele parece trabalhar com a angústia gerada pela falta que jamais será suprida, pela tarefa que jamais será cumprida, análogo a Sísifo: semelhante a ele, condenado pelos deuses a carregar uma enorme pedra montanha acima pela eternidade, seus personagens parecem não avançar e sempre retornar ao ponto de partida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criado no discurso, o Eu sempre é em relação ao Outro, diferente do pequeno outro que no esquema lacaniano se relaciona com o Ego. Esse outro é o semelhante com o qual ocorrem identificações, é o outro enquanto reflexo e sobre o qual o Eu projeta conteúdos próprios: “Esse próximo que se assemelha a mim e a quem me ensinaram dever amar é, antes, um intruso. O outro é igual e rival. Constituído pela imagem do outro, o eu está para sempre alienado a seu outro-ideal” (Quinet, 2012, p. 9). O Eu-ideal nasce do que se acredita ser expectativa do outro, que assim como o Eu é constituído no imaginário, i. é, construído a partir de significantes do Outro que, por sua vez, compõem o ideal de eu que na verdade é o ideal do Outro. Ao *supereu* cabe a tarefa de fiscalizar o quão distante o eu está do ideal do eu, resultando em *culpa*, termo que aparece 43 vezes em *Carta ao pai*, denotando rigidez superegóica de Kafka (1997a, p. 29) em relação à expectativa paterna imaginada: “[...] eu me tornava de novo, diante de você, a criatura que teme a luz, que engana, que está consciente da própria culpa, alguém que por causa da própria nulidade só pode chegar por caminhos tortuosos àquilo que considera seu direito. Isso representava outra vez o aumento da consciência de culpa.”. O filho surge como culpado e oprimido pelo pai, responsável pela sua anulação, inclusive linguística: conforme Gregor perde sua humanidade, torna-se incompreendido e silenciado, por mais que sua fala lhe pareça clara. Um exemplo: quando o gerente está à porta do quarto e ocorre a tentativa de explicar que não está bem e solicitar que poupe seus pais, o gerente pergunta: “Entenderam uma única palavra? Será que ele não está nos fazendo de bobos?”. E ainda: “Era uma voz de animal!” (Kafka, 1997b, p. 21). É possível pressupor que ele também representa a figura paterna, tanto pela posição de autoridade quanto pelo fato de que, em *Carta ao pai*, Kafka direciona diversas críticas ao modo como Hermann tratava os funcionários de sua loja, ambiente insuportável porque era reflexo da relação pai e filho: “[...] como comerciante você era tão superior a todos os que ali fizeram o seu aprendizado que nenhuma realização deles podia satisfazê-lo; de forma semelhante, você tinha de estar eternamente insatisfeito comigo. Por isso eu pertencia necessariamente ao partido dos empregados [...]” (Kafka, 1997a, p. 33). Essa não pertença aos espaços é percebida em *A metamorfose*, cujo conflito parece bem representar o sentimento de nulidade que domina o escritor a ponto de escrever sentir-se “um nada”.

Seja como for, éramos tão diferentes e nessa diferença tão perigosos um para o outro, que se alguém por acaso quisesse calcular antecipadamente como eu, a criança que se desenvolvia devagar, e você, o homem-feito, se comportariam um com o outro, poderia supor que você simplesmente me esmagaria sob os pés e que não sobraria nada de mim. (Kafka, 1997a, p. 11).

Provavelmente Kafka se refere às escolhas que fez em efeito à reprovação do pai, como o fato de não se dedicar integralmente à Literatura por se sentir forçado a permanecer ao emprego do qual não gostava. Em Kafka, a figura paterna

representante da lei parece engendrar um superego extremamente rígido. No registro imaginário, o autor coloca o pai na posição de um soberano gigante que “da sua poltrona regia o mundo” (1997a, p. 15) e “logo cedo [...] interditou a palavra, sua ameaça: ‘Nenhuma palavra de contestação!’ e a mão erguida no ato me acompanharam desde sempre.”. Com isso, ele afirma ter “um modo de falar entrecortado, gaguejante”, insuportável ao pai, até que finalmente silencia, “a princípio talvez por teimosia, mais tarde porque já não podia pensar nem falar.” (Kafka, 1997a, p. 21-22).

CONCLUSÕES

A autoridade paterna à qual Kafka se submeteu cabe às esferas do Simbólico e do Imaginário, não ao pai real. Hermann possivelmente se considerasse um pai rígido, mas comum, sem o tamanho do poder que o filho lhe atribuiu. O autor aponta que todo o sentimento negativo direcionado ao pai se relaciona à busca por migalhas de amor e reconhecimento, só encontrando rejeição. Podemos dizer que o ganho secundário do movimento é o lugar de vítima diante do pai opressor e a justificativa aos ataques destinados a ele para amenizar a culpa. Nosso ganho, desnecessário dizer, é justamente a capacidade metafórica e de significação de sua obra.

AGRADECIMENTOS

Aos orientadores desta pesquisa e à Fundação Araucária, pelo bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

- EAGLETON, T. A Psicanálise. In: **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 227-291.
- KAFKA, F. **Carta ao pai**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.
- KAFKA, F. **A metamorfose**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.
- QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RIBEIRO, G. F. **Kafka e a psicose**: aproximações entre psicanálise e literatura. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/31966>. Acesso em: 30 set. 2024.